



Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
Brasil

Salztrager, Ricardo; Herzog, Regina

A clivagem psíquica e o paralelismo discursivo na clínica psicanalítica

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 16, núm. 4, diciembre, 2013, pp. 570-583

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233029839006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A clivagem psíquica e o paralelismo discursivo na clínica psicanalítica*¹

Ricardo Salztrager*²
Regina Herzog*³

570

O ponto de partida da discussão é a constatação clínica de um paralelismo discursivo, em alguns pacientes, entre duas modalidades de enunciados que, apesar de coexistirem lado a lado, jamais estabelecem relações conflitantes ou formações de compromisso. Nossa hipótese é de que o paralelismo discursivo em questão é efeito de uma clivagem psíquica. A base para a discussão é o modelo de aparelho psíquico da “Carta 52”.

Palavras-chave: Clivagem, paralelismo discursivo, Carta 52, clínica psicanalítica

*¹ O presente artigo é parte modificada da tese *Fantasia vazias: um desafio à clínica psicanalítica*, escrita pelo dr. Ricardo Salztrager e orientada pela dra. Regina Herzog, defendida em fevereiro de 2006 pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ, Br)

*² Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói, RJ, Br).

*³ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br)

Na clínica psicanalítica, atendemos pacientes que, de modo geral, possuem uma discursividade bastante fértil. Observa-se, em grande parte de seus enunciados, uma fala eminentemente romancada na qual se fazem sentir a atuação dos processos metafóricos e metonímicos. Os primeiros fornecem certo tom poético ao discurso e o segundo trabalha no encadeamento dos elementos enunciativos, tornando viável a estruturação da fala em relações temporais, de causalidade e diversas outras.

Tais produções discursivas são sempre balizadas por uma formação desejante inconsciente. Com o propósito de exprimi-la, o analista se serve do dispositivo da associação livre, no sentido de avançar por entre os meandros dos encadeamentos metonímicos da fala. Intimamente vinculado à livre associação, o trabalho de interpretação opera na decomposição deste discurso. Isto se faz a partir das brechas manifestas nos enunciados conscientes: entrelinhas, equívocos e contradições são privilegiados pelo procedimento analítico com a finalidade de percorrer a trama discursiva até que se chegue ao desejo inconsciente.

Todavia, ressalta-se que, frente a determinados assuntos ou situações, estes mesmos pacientes apresentam um conjunto de ditos bastante anestesiados e neutralizantes. Com isto, nos referimos à observação de que ao mesmo tempo em que eles possuem uma fala poética e historicizada, ainda assim, seus discursos são mesclados por alguns enunciados congelados, no sentido de não cessarem de reenviar a si próprios. Ou seja, o discurso romancado e devaneativo, por vezes, cede lugar a uma fala que sempre se reporta a ela mesma, na qual não se faz sentir a atuação do trabalho da metáfora e, tampouco, da metonímia. Trata-se, em suma, de trazer para o primeiro plano da discussão uma espécie de paralelismo discursivo entre, de um lado, a fala romancada e devaneativa e, de outro, este conjunto de dizeres desmetaforizados e anestésiantes.

Dizer que tais enunciados passam à margem dos processos metafóricos implica em verificar a ausência de ambiguidade nas

palavras que o sujeito se serve para descrever algumas situações de sua história. Tudo se passa como se ele, por vezes, anulasse a capacidade polissêmica das palavras, manifestando uma fala absolutamente clara, isenta de formações simbólicas, bem como de entrelinhas, equívocos ou contradições. Isto em muito dificulta o trabalho da interpretação e da livre associação, pois parece que o sentido daquilo que almejam exprimir já é dado de antemão, no próprio instante da enunciação. Esta fala soa tanto aos ouvidos do analista quanto do paciente como algo não enigmático e imune ao engano e à dúvida (Pinheiro, 2002).

Não apenas a falta de construções metafóricas dificulta os trabalhos de associação livre e de interpretação, mas, também, a ausência dos processos metonímicos impõe sérios obstáculos aos progressos analíticos. Com efeito, esta fala congelada, geralmente, não faz elo com o restante dos enunciados do paciente. Ou seja, a fala se imobiliza em torno de algumas poucas frases e, mesmo quando se repetem algumas sessões adiante, nenhum outro componente lhes é acrescentado. Ao que tudo indica, os enunciados em questão permanecem apartados do restante das produções discursivas do sujeito, sem jamais deixar-se por elas tocar.

Conforme estamos destacando, tais enunciados neutralizantes, com frequência, se manifestam ao lado de outros frente aos quais o trabalho analítico, de certo modo, se efetiva. No relato destes últimos, há sempre uma pluralidade, detalhes, um colorido especial ou uma narrativa que favorece a interpretação. Contudo, no tocante aos enunciados neutralizantes, a dinâmica é completamente diferente: a univocidade dos seus elementos passa à margem da fertilidade associativa característica do cenário narrativo. Ademais, seu congelamento em uma mesma ou em poucas frases anestésiantes se opõe ao colorido próprio do cenário devaneativo, romaneado e historicizado.

A proposta do presente artigo é situar este paralelismo discursivo como efeito da atuação do trabalho da clivagem psíquica. Assim, uma clivagem fundamental justificaria a existência de duas modalidades enunciativas que, apesar de se manifestarem lado a lado, são independentes e jamais se deixam tocar ou estabelecer relações de conflito. Trata-se, portanto, de voltar nosso interesse para alguns escritos freudianos que versam sobre a temática da clivagem, visando investigar como se institui este paralelismo discursivo no universo enunciativo destes pacientes.

A noção de clivagem nos escritos tardios de Freud

No ensaio “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo”, Freud (1922/1995) relata um caso clínico que muito chamou sua

atenção. Tratava-se de um jovem paranoico que apresentava sucessivas crises de ciúmes da esposa; crises estas que, por vezes, assumiam um caráter delirante. Na construção dos delírios de ciúme, o paciente se utilizava de quaisquer indicações no comportamento da esposa: um toque na mão de outro homem, uma maior atenção concedida à outra pessoa ou um sorriso mais agradável que de costume. O tratamento analítico descortinou alguns processos psíquicos típicos a qualquer outro caso de paranoia, mecanismos estes que dizem respeito às origens homossexuais dos delírios de ciúme e ao seu caráter eminentemente projetivo. Todavia, o caso apresentava uma particularidade frente a qual Freud não pôde negar uma reação de surpresa: os sonhos do paciente, mesmo ocorrendo nos períodos de delírio, eram completamente livres deste.

Quando, anos mais tarde, em “Esboço de psicanálise”, o caso é novamente discutido, Freud (1940a/1995) recorre à noção de clivagem para explicitar este estranho fenômeno. Tudo se passava como se, no dinamismo psíquico do paciente, duas correntes de pensamento – uma delirante e a outra não – coexistissem lado a lado, sendo uma incapaz de reconhecer a outra. Também não havia relações de influência ou de conflito entre elas. Neste contexto, reconhecemos certa similitude entre estas duas correntes de pensamento expostas no caso em questão e o paralelismo discursivo acima descrito. Ademais, a solução freudiana de explicar a coexistência das duas correntes de pensamento, de seu paciente, pela noção de clivagem parece funcionar como um importante balizador para nossa questão.

A noção de clivagem só vai obter uma maior circunscrição metapsicológica em alguns escritos bastante tardios, dentre os quais citamos o texto sobre o “Fetichismo” (Freud, 1927/1995), o já mencionado “Esboço de psicanálise” (Freud, 1940a/1995), além do inacabado “A divisão do ego no processo de defesa” (Freud, 1940b/1995). Nestes, a clivagem é definida, em linhas gerais, como a resultante de uma cisão (*Splitting*), no aparelho psíquico, em duas correntes contrárias: uma que aceita uma realidade traumatizante e outra que a nega de forma veemente. O processo psíquico que origina a clivagem é o ato do desmentido (*Verleugnung*).

Assim, no artigo de 1927, Freud recorre a um caso clássico de fetichismo para enunciar que, geralmente, o objeto fetichista é um substituto do falo da mulher. Trata-se, portanto, no dinamismo psíquico do fetichista, da retenção da crença infantil da universalidade do pênis. Ou seja, mesmo tomando conhecimento de que as mulheres são castradas, o fetichista se recusa a aceitar o fato. O sujeito, ao mesmo tempo, aceita e rejeita a castração, o que promove uma clivagem entre uma corrente psíquica que não a reconhece e outra que se ajusta à realidade.

De fato, Freud já tinha se utilizado da noção de desmentido em referência à reação das crianças diante da percepção da diferença anatômica entre os sexos (Freud, 1923/1995 e 1924/1995). O que há de novo, em 1927, com respeito à

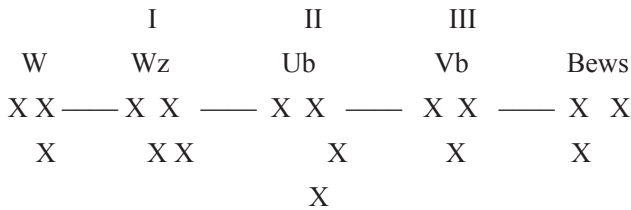
Verleugnung é a constatação de que ela necessariamente promove uma clivagem no psiquismo. Outra importante consideração é a menção de que tal cisão não é, de modo algum, particular aos casos de fetichismo. Pelo contrário, ela pode também se manifestar em outras ocasiões nas quais o sujeito percebe a necessidade de se defender de uma realidade traumatizante. Neste contexto, Freud (1927/1995) recorre ao extrato clínico de um jovem que havia perdido o pai para dizer que, neste caso, apenas uma determinada corrente de pensamento reconhecera a morte; outra, com efeito, não se dava conta do fato. Nesta perspectiva, também salta aos olhos a observação de que ambas correntes contraditórias coexistiam lado a lado: apesar de o paciente reservar-se ao direito de se considerar sucessor do pai, ele ainda acreditava que o pai vivo o atrapalharia em seus objetivos de vida. Desta maneira, seja em referência ao fetichismo ou a uma situação traumática, vigora, aqui, a possibilidade de duas correntes enunciativas distintas coexistirem num mesmo dinamismo psíquico.

No entanto, sabemos que a noção de clivagem está longe de ser um conceito central do pensamento freudiano. Isto porque somente nos últimos anos de sua obra, ela teve algum destaque metapsicológico. Ainda assim, esta noção permaneceu numa posição periférica em relação a outros conceitos. Todavia, se nos voltarmos para outros escritos freudianos, nos defrontaremos com alguns mecanismos psíquicos que, em muito, se assemelham ao processo de clivagem, embora não tenham recebido tal nomenclatura por parte de Freud. A proposta de nos debruçarmos sobre estes textos visa contribuir para uma ampliação conceitual da noção de clivagem no sentido de conceder-lhe um maior destaque teórico e clínico.

Dentre estes textos, cabe citar a “Carta 52” (Freud, 1896/1995), na qual o termo “clivagem” sequer é mencionado, mas se faz presente, como veremos, sob a denominação de “recalque”, no processo que se faz na fronteira dos signos de percepção com o registro da inconsciência. Vejamos como isso se dá.

Um possível desdobramento da “Carta 52”

No esquema da “Carta 52”, Freud (1896/1995) apresenta um modelo de aparelho de memória, cuja constituição se faz por um processo de estratificação permanente do material mnêmico. Neste contexto, são indicadas várias retranscrições de memória, cada uma correspondendo a um diferente registro psíquico. Ou seja, a memória não é armazenada no aparato de uma só vez. Pelo contrário, ela se desdobra em vários tempos, sendo registrada em diversas espécies de rearranjos (Figura 1).

**Figura 1**

O modelo de aparelho psíquico da “Carta 52” (Freud, 1896/1995, p. 282)

Do ponto de vista topográfico, a partir da extremidade perceptiva se disporiam três diferentes registros psíquicos. Dinamicamente, o funcionamento do aparelho é concebido de forma que as retranscrições mnêmicas ocorram na passagem da excitação de um registro para outro, sendo que cada nova tradução inibe a que vigorava anteriormente. Em contrapartida, quando o material mnêmico não sofre a devida retranscrição, ele continua a ser manejado de acordo com as leis em vigor no sistema precedente. A recusa de tradução é designada de recalçamento, processo defensivo que promoveria certo paralelismo: em determinadas regiões do aparelho psíquico persistiriam o que Freud (1896/1995) associa aos “*fueros*”, termo referente a antigas leis espanholas que, apesar de ultrapassadas, ainda vigoram em determinadas províncias. Trata-se, conforme veremos a seguir, de um ponto crucial para nossa argumentação.

A primeira transcrição da memória, inacessível à consciência, é feita no registro dos “signos de percepção” (Wz), cuja articulação dos traços se dá pelas relações de simultaneidade. Por conseguinte, o material mnêmico está sujeito a sofrer uma segunda retranscrição no registro denominado “inconsciência” (Ub), de acordo com as leis da causalidade. Enfim, no registro da “pré-consciência” (Vb), os traços são ligados às representações-palavra, o que viabiliza o ingresso na consciência (Bews) (Freud, 1896/1995).

Ou seja, de acordo com o modelo, os processos excitatórios que passam pela extremidade perceptiva deixam alguns sinais, designados por Freud (1896/1995) de “signos de percepção” (Wz), constituindo, deste modo, o primeiro registro mnêmico. Nesta perspectiva, Braunstein (1990) salienta que os signos de percepção possuem um estatuto bastante peculiar: eles são escrituras ainda desorganizadas, anteriores ao processo de simbolização, configurando-se enquanto matrizes a serem recuperadas pelas inscrições posteriores. Tratar-se-ia, segundo o autor, de uma escritura ainda não articulada na forma de uma cadeia significativa, consistindo

numa linguagem cifrada na qual os elementos são estranhos à organização narrativa propriamente dita.

Verifica-se na “Carta 52” (Freud, 1896/1995) que esta escritura desorganizada fornece o suporte necessário para a constituição do segundo registro mnêmico denominado de “inconsciência” (Ub). Nele, os elementos já se encontram articulados e organizados por relações de causalidade.

Trata-se, aqui, da constituição de um texto psíquico propriamente dito, aludindo-se às leis da condensação e do deslocamento e, portanto, dos processos metafóricos e metonímicos (Braunstein, 1990). Tal fato promoveria o advento de uma estrutura na qual um elemento discursivo vai sempre remeter a outro a ele encadeado, e assim por diante. Em outros termos, podemos assinalar que, no registro da inconsciência, estabelece-se o que Lacan (1957/1998) denominou de cadeia significante. Ou seja, a constituição do texto psíquico próprio a este registro é o solo propício para a formação de um discurso no qual um significante nada significa, mas se articula a outro; e, somente a partir deste elo, advém a significação. Isto demonstra que, ao contrário do que ocorre no registro precedente, no sistema inconsciente já existe uma organização e articulação entre os traços.

Para Braunstein (1990), na “Carta 52”, o registro da inconsciência é um ponto intermediário de ligação entre o sistema de cifras que o precede e o do diálogo impregnado de sentido que o segue. Assim, o inconsciente já é um discurso, ainda que se apresente de forma peculiar: uma cadeia de significantes segue seu próprio destino, produzindo determinadas significações que, por sua vez, não são compreendidas ou mesmo apreciadas por uma testemunha em potencial.

Ainda segundo a “Carta 52” (Freud, 1896/1995), a coerência discursiva, o pensamento racional e todas as outras características atreladas aos processos psíquicos secundários só encontram seu espaço no registro mnêmico da pré-consciência (Vb). Neste sistema – que, na teorização freudiana, corresponde ao registro do eu – os traços mnêmicos são ligados às representações-palavra, o que os torna potencialmente capazes de assomar à consciência. No entanto, é assinalado que se trata aqui de uma “consciência secundária de pensamento” (Freud, 1896/1995, p. 283), se efetivando de acordo com a lógica do *a posteriori* (*Nachträglich*).

De acordo com nossos objetivos, o primeiro ponto importante a ser destacado do modelo da “Carta 52” (Freud, 1896/1995) remete ao contraste entre, de um lado, os signos de percepção e, de outro, os registros da inconsciência e da pré-consciência. Conforme mencionamos acima, no nível dos signos de percepção, os diversos elementos discursivos não se articulam entre si. Pelo contrário, eles se encontram desconectados, situando-se para além do processo de constituição da cadeia narrativa historicizada e romanceada. Já os registros da inconsciência e da pré-consciência apresentam a característica de, em seus domínios, os traços mnêmicos estarem articulados uns aos outros na forma de uma discursividade

propriamente narrativa. Com base nestes pressupostos, propomos traçar uma analogia entre, de um lado, os signos de percepção e os enunciados congelantes descritos em nossas considerações clínicas e, de outro, os registros da inconsciência e da pré-consciência e a discursividade que se apresenta enquanto um cenário narrativo.

Deste modo, o modelo da “Carta 52” (Freud, 1896/1995) nos é bastante útil, justamente, por explicitar o paralelismo discursivo em questão neste artigo. Ou seja, a partir da circunscrição dos diferentes registros de memória, é possível sustentar que ao lado de rearranjos discursivos romanceados e historicizados, os “*fueros*” ainda persistem no campo enunciativo do sujeito. Estes não seriam tocados pelo processo de encadeamento mnêmico, resistindo aos mecanismos metafóricos e metonímicos e a qualquer possibilidade de remanejamento significante.

A “Carta 52” pode não ser ainda de maior valia na medida em que também ajuda a tornar compreensível o substrato metapsicológico responsável por este contraste discursivo. Trata-se do segundo ponto a ser destacado do modelo freudiano. Nesta perspectiva, temos a oportunidade de investigar os motivos que respondem pelos enunciados congelados jamais serem assimilados pelo restante das produções discursivas dos pacientes acima mencionados. Passemos à análise desta temática.

Conforme destacamos, existe na “Carta 52” (Freud, 1896/1995) uma afirmativa um tanto peculiar a respeito do processo de recalque. Retomando a proposta freudiana, cada nova tradução inibe o registro mnêmico anterior. Porém, quando não se instaura a devida retranscrição, o material continua a ser manejado conforme às leis do sistema precedente. A esta recusa de tradução foi dado o nome de recalque, concebido enquanto um mecanismo defensivo e fazendo constituir os “*fueros*” que se perpetuam no dinamismo psíquico. Depreende-se daí que o recalque que se instaura nos limites entre os signos de percepção e o registro da inconsciência é o responsável pelo advento do paralelismo discursivo. Nesta perspectiva, ele funciona como o mecanismo que responde pelo fato dos enunciados congelantes permanecerem no campo discursivo do sujeito sem ser tocados pelas outras formas enunciativas.

No entanto, devemos alertar para a importante constatação de que esta concepção de recalque da “Carta 52” (Freud, 1896/1995), em muito se diferencia daquela dos artigos metapsicológicos posteriores. Em linhas gerais, nestes últimos, Freud (1915a/1995 e 1915b/1995) o define como o trabalho responsável por afastar um determinado elemento da consciência. Neste contexto, é afirmado que o recalque não impede que o representante-representação continue a existir no inconsciente. Pelo contrário, o material recalcado prolifera no escuro, estabelece ligações com outros elementos e, assim, dá origem a alguns derivados. Quando estes se tornam suficientemente disfarçados, o acesso à consciência é franqueado. Abre-se,

então, espaço para o retorno do recalçado, sendo a passagem à consciência liberada em virtude do derivado ter conseguido driblar a censura existente entre os sistemas.

Freud (1915a/1995) também destaca que o dinamismo inerente ao recalque é precondição para a associação livre, esta sendo conceituada como um trabalho de produção de derivados do material recalçado. Deste modo, assinala-se a mobilidade manifesta no mecanismo de recalque. Ou seja, ele jamais deve ser compreendido como algo que acontece uma só vez de modo a produzir um resultado permanente. Pelo contrário, o recalque impõe ao aparato um enorme dispêndio de energia, como se os elementos inconscientes, por exercerem uma pressão constante em direção à consciência, exigissem desta uma contrapressão igualmente constante.

Seguindo esta linha de raciocínio, destacamos a principal distinção entre o recalque tal como apresentado nos ensaios metapsicológicos (Freud, 1915a/1995 e 1915b/1995) e na “Carta 52” (Freud, 1896/1995). Enquanto nos escritos metapsicológicos, ele é tido como o que funda um conjunto de relações dinâmicas e conflitantes entre os diferentes sistemas psíquicos, na “Carta 52”, de modo contrário, ele impede o estabelecimento de conexões entre as retranscrições. Ou seja, os “*fueros*” permanecem no aparato alheios aos possíveis conflitos ocasionados entre os registros da inconsciência e da pré-consciência.

Ademais, nos artigos sobre metapsicologia, o recalque é tido como o alicerce sobre o qual repousa o trabalho de formação de derivados. Na “Carta 52”, ele é, justamente, o que invalida este trabalho, de modo a fazer com que os “*fueros*” perpetuem no discurso sempre da mesma maneira, alheios aos processos meta-fóricos e sem que nenhum elemento lhes seja acrescentado, modificado ou retirado. Enfim, na concepção propriamente metapsicológica, ele é considerado como precondição para o empreendimento da associação livre. Todavia, com respeito aos “*fueros*”, a possibilidade de associação livre é nula, visto que eles permanecem apartados dos outros enunciados do sujeito devido à ausência de progressão metonímica. É, portanto, inviável, de acordo com a concepção de recalque da “Carta 52” que o sujeito consiga associar os elementos congelantes a quaisquer outros componentes discursivos. Daí a estranha peculiaridade deles sempre remeterem a si próprios.

Claro está que é considerado na “Carta 52” (Freud, 1896/1995) que o processo de recalçamento se dá em dois lugares diferentes. Primeiramente, ele opera entre os signos de percepção e o registro da inconsciência instaurando o paralelismo discursivo. Também é exposto que ele atua entre a inconsciência e a pré-consciência. Nesta perspectiva, propomos pensar que apenas esta segunda atuação pode ser aproximada do processo de recalçamento tal como descrito nos artigos metapsicológicos.

Esta segunda atuação do recalçamento o situaria como o mecanismo psíquico subjacente ao domínio discursivo que classificamos como devaneativo,

historicizado e romanceado. Trata-se aqui, conforme assinalamos acima, de uma modalidade discursiva sempre balizada pela atuação de um desejo inconsciente, na qual se fazem sentir a formação de derivados e a dissimulação enunciativa promovida pelos processos metafóricos. Ademais, sendo o recalque a precondição para a livre associação, ele torna inteligível o deslocamento metonímico próprio ao encaideamento dos elementos discursivos. Temos, assim, um discurso que transita entre os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente e que sofre os devidos efeitos das vicissitudes do conflito existente entre tais sistemas.

No entanto, conforme destacamos acima, nos parece que o mecanismo que na “Carta 52” se dá na fronteira entre os signos de percepção e o registro da inconsciência não guarda semelhanças com o recalque tal como descrito nos ensaios metapsicológicos, por mais que Freud (1896/1995) o tenha assim nomeado. Esta constatação já foi objeto de análise por parte de Laplanche (1988) que propôs aproximar o mecanismo em questão do trabalho do recalque originário. Tal aproximação se justifica a partir das concepções de Freud (1915a/1995 e 1915b/1995) sobre o tema, que situaram o recalque originário como um primeiro tempo do trabalho de recalque propriamente dito. Ele faria erigir uma fixação de determinada representação fora do registro da consciência, instaurando no aparelho psíquico um campo necessário para a atuação do recalque secundário. Trata-se de impedir seu acesso à consciência, mas de modo que isto não implique necessariamente na fixação deste elemento no sistema inconsciente propriamente dito. O recalque originário faria referência a um momento logicamente anterior ao da constituição do sistema inconsciente, estabelecendo uma demarcação psíquica que funciona como uma espécie de matéria prima para sua constituição.

Todavia, apesar de considerarmos a análise de Laplanche bastante significativa, acreditamos que outra leitura para o tema é viável. Ou seja, entendemos o recalque originário como um mecanismo que faz referência a um núcleo indizível e para sempre perdido do aparelho psíquico. E, neste aspecto, é necessário destacar que, em nossas considerações sobre os enunciados congelados, estamos nos reportando a uma modalidade discursiva que se apresenta, a todo instante, no campo enunciativo do sujeito em análise. Neste sentido, cabe questionar: como algo que não cessa de se manifestar na fala subjetiva pode ser articulado a um núcleo indizível do aparelho psíquico? Trata-se, aqui, de uma questão pertinente e que parece apontar para outra forma de conceber este mecanismo.

Portanto, com base em toda nossa argumentação, propomos aproximar o processo que responde pela instauração dos *fueros* no dinamismo psíquico ao trabalho da clivagem. Tal analogia é justificada pela constatação de que o processo que ocorre entre o registro dos signos de percepção e da inconsciência instaura uma barreira na dinâmica discursiva do sujeito entre duas modalidades discursivas distintas

impedindo, de modo crucial, o estabelecimento de relações entre elas. Institui-se, com isto, um campo discursivo eminentemente clivado, ou seja, cindido e dissociado, que mantém lado a lado duas modalidades heterogêneas de enunciados e que jamais se intercambiam. A clivagem estabelece, portanto, um isolamento topográfico fundamental, de modo a impedir quaisquer relações entre os domínios discursivos cindidos.

É neste contexto que a proposta de redimensionamento da noção de clivagem encontra sua razão de ser. Trata-se, conforme nossa argumentação, do mecanismo que responde pelo advento de um núcleo discursivo completamente apartado do restante da tópica e no qual os elementos não se relacionam com os demais. De acordo com nossa releitura da “Carta 52”, a clivagem divide o campo enunciativo em dois modos distintos de funcionamento: um referente aos signos de percepção e outro atrelado aos registros da inconsciência e da pré-consciência, sendo apenas entre estes últimos que o recalque propriamente dito se faz sentir.

Deste modo, a noção de clivagem, se devidamente redimensionada, funciona como o substrato metapsicológico necessário para explicar o paralelismo discursivo em questão neste artigo. Assim, no campo enunciativo destes sujeitos, ela se manifestaria como uma espécie de base para que não apenas o recalque – mas também outros processos psíquicos – encontrem seus espaços de ação. Neste sentido, ela se apresenta como uma figura metapsicológica de grande relevância para a clínica, abrindo, também, um campo fecundo de pesquisa em teoria psicanalítica.

Referências

- Braunstein, N. (1990). *La jouissance: un concept lacanien*. Paris: Point Hors Ligne.
- Freud, S. (1995). Carta 52. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. I, pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1896).
- Freud, S. (1995). Recalque. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XIV, pp. 169-189). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1915a).
- Freud, S. (1995). O inconsciente. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XIV, pp. 191-251). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1915b).
- Freud, S. (1995). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XIX, pp. 271-285). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1922).
- Freud, S. (1995). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In

- Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XIX, pp. 179-187). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1923).
- Freud, S. (1995). O problema econômico do masoquismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XIX, pp. 199-215). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1924).
- Freud, S. (1995). Fetichismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XXI, pp. 179-187). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1927).
- Freud, S. (1995). Esboço de psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XXIII, pp. 168-245). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1940a).
- Freud, S. (1995). A divisão do ego no processo de defesa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XXIII, pp. 309-313). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1940b).
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1957).
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pinheiro, T. (2002, jul.). Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade. *Psychê*, São Paulo, IX, 167-176.

Resumos

(Psychic splitting and parallelism of discourse in psychoanalytic clinical work)

The basis for this discussion is the clinical testimony of cases of parallelism in discourse found in some patients, through two modes of utterance. Although they coexist side-by-side, they establish neither conflicting relationships nor compromise formations. Our hypothesis is that the parallelism in discourse dealt with here is the effect of psychic splitting. The basis for this discussion is the model of the psychic apparatus as described in Freud's Letter 52 to Fliess.

Key words: Splitting; parallelism in discourse; Lettre 52; psychoanalytic clinic

(Le clivage psychique et le parallélisme discursif dans la clinique psychanalytique)

Le point de départ de notre discussion est la constatation clinique d'un parallélisme discursif chez certains patients selon deux types d'énoncés. Bien que ceux-ci coexistent, ils n'établissent jamais de rapports conflictuels ou d'engagements. Notre hypothèse porte sur le fait que le parallélisme discursif en question est le résultat d'un clivage psychique. La base de notre discussion est le modèle de l'appareil psychique de la «Lettre 52».

Mots clés: Clivage, parallélisme discursif, Lettre 52, clinique psychanalytique

(El clivaje psíquico y el paralelismo discursivo en la clínica psicoanalítica)

El punto de partida de la discusión es la constatación clínica en algunos pacientes de un paralelismo en el discurso entre dos tipos de enunciados que nunca establecen relaciones conflictivas o formaciones de compromiso a pesar de que coexisten lado a lado. Nuestra hipótesis es que el paralelismo discursivo en cuestión es el efecto psíquico de una escisión. La base de la discusión es el modelo del aparato psíquico de la «Carta 52».

Palabras clave: *Clivaje o escisión; paralelismo discursivo; Carta 52; clínica psicoanalítica*

(Die psychische Aufspaltung und der diskursive Parallelismus in der psychoanalytischen Klinik)

Ausgangspunkt der Auseinandersetzung ist die klinische Feststellung eines diskursiven Parallelismus bei einigen Patienten, zwischen zwei Äußerungsformen, die, obwohl sie Seite an Seite existieren, niemals Konfliktbeziehungen aufbauen noch verpflichtende Strukturen bilden. Unsere Hypothese ist, dass dieser diskursive Parallelismus Auswirkung einer psychischen Aufspaltung ist. Die Grundlage der Diskussion ist das Modell des psychischen Apparates der "Charta 52" (Charta 52).

Schlüsselwörter: Aufspaltung, diskursiver Parallelismus, Charta 52, psychoanalytische Klinik

Citação/Citation: Salztrager, R. & Herzog, R. (2013, dezembro). A clivagem psíquica e o paralelismo discursivo na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(4), 570-583.

Editor do artigo/Editor: Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

Recebido/Received: 10.7.2012/ 7.10.2012 **Aceito/Accepted:** 8.12.2012 / 12.8.2012

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento/Funding: Esta pesquisa é financiada pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasília, DF, Br); Capes/PDEE na Universidade Paris VII – Denis Diderot (Paris, França) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasília, DF, Br)/ This research is funded by Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasília, DF, Br); Capes/PDEE University Paris VII – Denis Diderot (Paris, França) and National Counsel of Technological and Scientific Development (Brasília, DF, Br).

Conflito de interesses/Conflict of interest: Os autores declaram que não há conflito de interesses / The authors declare that has no conflict of interest.

RICARDO SALZTRAGER

Psicanalista; Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense – UFF – Polo Universitário Campos dos Goytacazes (Campos dos Goytacazes, RJ, Br); Membro do NEPECC – Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (IPUB/UFRJ).

Universidade Federal Fluminense
Rua José do Patrocínio, 71 – Centro
28015-385 Campos dos Goytacazes, RJ, Br
e-mail: ricasalz@uol.com.br

REGINA HERZOG

Psicanalista; Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Pesquisadora de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasília, DF, Br); Coordenadora do NEPECC – Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (IPUB/UFRJ); Pesquisadora com apoio da Capes através do edital PRODOC/2010.

Instituto de Psicologia/UFRJ
Avenida Pasteur, 250 fundos
22290-240 Rio de Janeiro, RJ, Br
e-mail: rherzog@globocom